
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

DA CULTURA DE MASSAS À CIBERCULTURA: O TEXTO DA CULTURA E AS REDES SOCIAIS

Priscila Gonçalves Magossi¹ (PUC-SP)

RESUMO: Este trabalho aborda as transformações na comunicação contemporânea decorrentes da transição da cultura de massas (Morin 1986; 1988) para a cibercultura (Trivinho 2007; 2022), com destaque para o impacto das redes sociais na dinâmica dos processos comunicativos contemporâneos. Compreende-se as redes sociais por agrupamentos complexos, formados por interações sociais, apoiadas em tecnologias digitais, que desenvolvem padrões para troca de informação, reconfigurando a comunicação na cibercultura. A argumentação é de cunho teórico e crítico, fundamentando-se em uma abordagem interdisciplinar, que reflete sobre o texto da cultura (Lotman 1979; Baitello Jr. 1997; Contrera 1996; 2002) em oposição a um contexto de época dramaticamente marcado pela seca dos sentidos e pela visibilidade mediática (Trivinho, 2007; 2022). Considerando que as redes sociais são objetos rebeldes (isto é, movimentam-se com velocidade ímpar no ciberespaço), o estudo concentra-se na demonstração de como as redes sociais são categoriais de uma época (isto é, produtos que explicam simbolicamente a era vigente) e no impacto do fenômeno nos processos comunicativos da sociedade tecnológica atual.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; cibercultura; texto da cultura; redes sociais.

DE LA CULTURA DE MASAS A LA CIBERCULTURA: EL TEXTO CULTURAL Y LAS REDES SOCIALES

RESUMEN: Este artículo examina las transformaciones en la comunicación contemporánea resultantes de la transición de la cultura de masas (Morin 1986; 1988) a la cibercultura (Trivinho 2007; 2022), con un enfoque en el impacto de las redes sociales en la dinámica de los procesos comunicativos modernos. Aquí se entienden las redes sociales como agrupaciones complejas formadas por interacciones sociales respaldadas por tecnologías digitales, que desarrollan patrones para el intercambio de información, reconfigurando así la comunicación dentro de la cibercultura. La argumentación es teórica y crítica, fundamentada en un enfoque interdisciplinario que reflexiona sobre el texto cultural (Lotman 1979; Baitello Jr. 1997; Contrera 1996; 2002) en contraposición a un contexto marcado por una dramática sequía de sentido y visibilidad mediática (Trivinho 2007; 2022). Dado que las redes sociales son entidades indisciplinadas (es decir, evolucionan a velocidades sin precedentes en el ciberespacio),

¹ pgmagossi@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0003-1720-4440>

el estudio se centra en demostrar cómo estas redes funcionan como categorías emblemáticas de una época (es decir, productos que explican simbólicamente la era actual) y en su impacto en los procesos comunicativos de la sociedad tecnológica actual.

PALABRAS CLAVES: Comunicación; cibercultura; texto cultural; redes sociales.

FROM MASS CULTURE TO CYBERCULTURE: THE CULTURAL TEXT AND SOCIAL MEDIA

ABSTRACT: This paper examines the transformations in contemporary communication resulting from the transition from mass culture (Morin 1986; 1988) to cyberspace (Trivinho 2007; 2022), focusing on the impact of social networks on the dynamics of modern communicative processes. Social networks are understood here as complex groupings formed by social interactions supported by digital technologies, which develop patterns for information exchange, thereby reconfiguring communication within cyberspace. The argumentation is theoretical and critical, grounded in an interdisciplinary approach that reflects on the cultural text (Lotman 1979; Baitello Jr. 1997; Contrera 1996; 2002) in opposition to a context marked by a dramatic drought of meaning and media visibility (Trivinho 2007; 2022). Given that social networks are unruly entities (i.e., they evolve at unparalleled speeds in cyberspace), the study focuses on demonstrating how these networks function as emblematic categories of an era (i.e., products that symbolically explain the current age) and on their impact on the communicative processes of today's technological society.

KEYWORDS: Communication; cyberspace; text of culture; social media.

Recebido em 19 de dezembro de 2024. Aprovado em 15 de maio de 2025.

INTRODUÇÃO

A comunicação mediática caracteriza-se pela disseminação da informação por aparelhos tecnológicos, resultando em notável influência sobre a opinião pública. Para efeito de contextualização, o fenômeno emerge no século XIX, com a invenção do telegrafo e da imprensa industrial — marcos que inauguram a cultura de massas e a homogeneização de discursos (Adorno & Horkheimer 1985). A produção em larga escala de jornais e revistas transformou o modo como a informação era distribuída e consumida. No século XX, esse panorama alterou-se profundamente com a introdução do rádio e da televisão, e, mais recentemente, com a emergência da internet. O século XXI, por sua vez, aponta para novas práticas comunicativas integradas ao digital. A transição do analógico para o digital, no entanto, não é mera mudança de suporte: é uma reconfiguração dos próprios mecanismos semióticos da cultura (Lotman 1979).

Norval Baitello Jr. (1997) trabalha o conceito de “texto da cultura” a partir da definição de Iuri Lotman (1979) e propõe que a cultura pode ser compreendida como um conjunto de textos que expressam significados, valores e práticas sociais. Essa abordagem destaca que tudo o que constitui a cultura — sejam obras literárias, filmes, músicas, costumes e comportamentos — pode ser analisado como textos que comunicam mensagens e criam significados. Essa perspectiva amplia a compreensão do

que é considerado “texto”, levando em conta não apenas os escritos, mas qualquer forma de expressão que carregue significados dentro de um determinado contexto cultural.

No rastro desses marcadores, a cultura digital testemunha uma metamorfose literária, na qual as páginas de papel cedem espaço aos pixels das telas, mas também aos algoritmos e interfaces que redefinem a noção de “texto” (Baitello Jr. 1997). O impacto da cibercultura permeia todas as esferas da vida cotidiana: alteram-se os modos de produção, a circulação da informação e a validação psicossocial, agora mediada por engajamentos métricos (seguidores, curtidas, compartilhamentos) que funcionam como novos “contratos de leitura” (Sodré 2002) responsáveis pelo processo de agregação simbólica na sociedade tecnológica atual.

Nesse cenário, emergem questões instigantes que norteiam este estudo: como a comunicação contemporânea é afetada nessa passagem da cultura de massas para a cultura digital? Qual o impacto do texto da cultura (Lotman 1979; Baitello Jr. 1997) na comunicação das redes interativas, isto é, quais são as implicações dessa mudança para a construção de significados e identidades sociais?

O estudo trabalha com a hipótese de que a informação pública está adaptada e integrada ao digital e as redes sociais emergem como objetos rebeldes — categorizando a época em curso. Nessa chave de leitura, entende-se as redes sociais como agrupamentos complexos, formados por interações sociais, apoias em tecnologias digitais, que reconfiguram a dinâmica comunicacional a partir de novos padrões comunicativos (Recuero 2008). A interação entre seus atores são largamente influenciadas por relações líquidas (Bauman 2003), a partir de um processo marcado pela aceleração contínua e pela descentralização da figura concreta do emissor.

De base interdisciplinar, a argumentação objetiva promover discussões em torno do texto da cultura e da cultura mediática em associação à dinâmica das principais redes sociais do período em curso: orkut (2004), Facebook (2004), Twitter/X (2006), Instagram (2010) e TikTok (2016). O trabalho é de cunho teórico e aponta para a discussão sobre estudos de media, com foco no novo cenário da comunicação na cibercultura.

1 COMUNICAÇÃO: UM ATO INTENCIONAL

Não é apenas tal ou tal faceta de nosso ser que é social, é
toda a existência humana. (Todorov 1996: 151)

A comunicação, entendida como processo, configura-se como um ato intencional e de cumplicidade, que se dinamiza de modo circular, sem pontos de partida ou dissonância. Por essa razão, não existe comunicação ingênua (Todorov 1996). Seus elementos constitutivos — intercalados e sincronizados — são estímulos produzidos com o propósito de moldar (ou direcionar) o comportamento humano para fins específicos. A esse respeito, Boris Cyrulnik explicita: “Os seres organizados são forçados

a interagir de modo constante com seu meio para viver. Essa atividade intencional, como tem a vida por projeto, exige uma busca de informação. Essa intenção de viver leva a filtrar, selecionar e organizar o percebido em função do que é necessário para viver” (1995: 17).

Em linha de continuidade temática, isso significa que a condição humana depende do convívio e do contágio com sons, objetos e visões para o seu suporte vital. Por isso, uma sociedade não se concretiza sem que os indivíduos que a compõem se comuniquem por intermédio de qualquer um dos cinco sentidos. Desse modo, a hiper-complexidade humana (Morin 1986) faz do homem um “animal simbólico” (Cassirer 1994), capaz de construir signos, imagens e ideais que criam representações a partir de percepções, as quais são transmitidas pela comunicação, articulada em dois pilares: linguagem e cultura.

1.1 LINGUAGEM

De acordo com Norval Baitello Jr. (1997), a linguagem é uma representação do homem em si próprio. O apontamento significa que sua função ultrapassa a mera transmissão de significados mediante formas significativas: a linguagem desempenha, igualmente, o papel de sinalizar a identidade cultural e os elementos que integram o indivíduo ao grupo social. Nas palavras do autor: “sem a existência de um código ou um conjunto de códigos de natureza social, não seria possível a formação e a manifestação de comunidades sociais” (Baitello Jr. 1997: 41).

1.2 CULTURA

Segundo Baitello Jr. (1997), a cultura é entendida como um conjunto de mecanismos semióticos e processos comunicativos que a humanidade utiliza para interpretar e organizar a realidade. Assim, a cultura apresenta-se como relação de identidade coletiva, isto é, representa marcas do seu atual tempo na história da humanidade, perpetuando determinada visão de mundo. O autor ilustra essa ideia:

Assim, dois momentos distintos de uma seqüência de eventos bioquímicos são classificados pelos mecanismos semióticos da cultura como pólos opostos nascimento e morte. A própria cultura elabora mecanismos de superação para estas dualidades, criando mitos, rituais mágicos e similares. (Baitello Jr. 1997: 72)

Portanto, a cultura não se limita a refletir a percepção humana; ela atua na construção de significados e na superação de polaridades, possibilitando uma compreensão mais dinâmica e complexa da existência. Ela abrange desde o vestir, gestos e artes até sistemas políticos e ideológicos, conforme enumera Baitello Jr.: “Dela fazem

parte o vestir, os gestos, as artes, as danças, os rituais, a literatura, os mitos, o morar e suas formas individuais e sociais, os hábitos (ao comer, ao beber, ao cumprimentar, ao relacionar-se), as religiões, os sistemas políticos e ideológicos, os jogos e os brinquedos” (1997: 20).

Para melhor apreensão desses fenômenos (linguagem e cultura), cabe recorrer — ainda que brevemente — aos conceitos de primeira e segunda realidade, propostos por Ivan Bystrina (1995):

i. Primeira realidade: Refere-se à segurança de sobrevivência humana em condições físico-biológicas.

ii. Segunda realidade: Refere-se às raízes da cultura; manifestas em quatro dimensões: sonho, jogo, variantes psicopatológicas e estados alterados da consciência (E.A.C.).

A segunda realidade destaca-se por ser dinâmica, subjetiva, intrinsecamente criativa e compensatória. Ancorada no inconsciente, sua função é tranqüilizar, proteger, inspirar e fortalecer o ser humano contra as angústias geradas pelas primeira realidade — como o medo, a insegurança e o desânimo (Bystrina 1995).

Nessa perspectiva teórica, a segunda realidade traz como elemento-chave da sua estrutura a imaginação. Edgar Morin (1988: 98) aponta a imaginação como “a louca da casa” e define o conceito como as imagens partilhadas que representam um universo povoado de representações simbólicas. Complementando essa visão, Malena Segura Contrera afirma: “É por isso que não podemos pensar em nenhuma realidade humana possível sem que a cultura e seus processos da comunicação social (as imagens partilhadas) desempenhem papel central na formação dessa realidade, ou, pelo menos, na forma como os homens a concebem e com ela interagem” (2002: 39).

Como síntese dos encadeamentos precedentes, a linguagem humana é responsável pela atuação do ser humano na primeira realidade, visto que o objetivo dos códigos de linguagem é tornar a si próprio e a realidade inteligíveis. A cultura, por sua vez, é fator de autoconsciência, responsável pela atuação do homem na primeira realidade (realidade imanente) a partir de elementos da segunda realidade (imagem, imaginário e imaginação).

Entendido o processo comunicativo com base na definição de linguagem e de cultura, é possível avançar na argumentação e compreender agora o conceito de “texto da cultura”, tema central deste artigo.

2 O TEXTO DA CULTURA

A escrita consolida-se, fundamentalmente, como materialização da oralidade, isto é, como permanência de determinado conteúdo oral no espaço e no tempo. Nesse contexto, a concepção de texto enraíza-se em palavras que compartilham a mesma

origem etimológica: tecido, trama e teia. Essa teia de significados desempenha o importante papel de organizar pensamentos e sentimentos em um fio condutor lógico. (Baitello Jr. 1997: 33). Essa teia de significados desempenha papel crucial na organização de pensamentos e sentimentos em um fio condutor lógico (Baitello Jr. 1997: 33).

Sob essa ótica, o texto atua como lastro simbólico dos conteúdos da experiência humana, e, por isso, deve ser iconizado (Baitello 1997: 69). No entendimento do autor: “significa, por um lado, resgatar suas origens arquetípicas, sua dimensão mítica e sacra enquanto imagem visual; por outro significa recuperar aquilo que ela substitui: a oralidade” (Baitello Jr. 1997: 70).

Para efeito de contextualização sócio-histórica, o homem primordial — antes da fala — expressava-se por construções comunicativas, transmitidas pelos sinais tecidos e gestos tramados (Baitello Jr. 1997: 30). Assim, toda base da comunicação humana é marcada pelo texto da cultura (Baitello Jr. 1997: 31). Sobre a temática da codificação, Lotman oferece uma definição precisa:

Texto da cultura é qualquer comunicação registrada em um determinado sistema sígnico. Deste ponto de vista, podemos falar de um balé, de um espetáculo teatral, de um desfile militar e de todos os demais sistemas de signos de comportamento como texto, na mesma medida em que aplicamos este termo a um texto escrito em uma língua natural, a um poema ou a um quadro. 1979: 41)

Dessa forma, todo texto da cultura, enquanto constructo semiótico, integra códigos do imaginário cultural — dimensão correspondente ao que Bystrina (1995) denomina *segunda realidade*. Sua arquitetura decorre da interação dinâmica entre elementos interdependentes que se articula (Lotman 1979: 55):

a. Expressabilidade: refere-se à capacidade do texto de materializar simbolicamente a cultura de origem, abarcando quatro dimensões complementares: *Permanência* (fixação espaço-temporal); *Vinculação sujeito-objeto* (relação entre produtor/receptor e conteúdo); *Diversidade temática* (pluralidade de assuntos abordáveis); e *composição quantitativa* (volume e proporção dos elementos).

b. Delimitabilidade: refere-se à demarcação do espaço (físico ou virtual), condição *sine qua non* para a construção textual.

c. Estruturabilidade: refere-se à hierarquia de valores e definição de papéis, visando escapar do caos da ausência de estrutura textual.

Em seus estudos sobre a temática, Norval Baitello Jr. (1997: 61) complementa esse modelo tridimensional com um quarto elemento axial:

d. Temporalidade: refere-se ao fator que articula os demais componentes através da dimensão histórica, permitindo o diálogo entre signos e seus contextos de produção/recepção.

Essa tetradi-dimensionalidade (Lotman 1979; Baitello Jr. 1997) viabiliza a transição da superfície textual para a profundidade conceitual, transformando o texto cultural em “mecanismo autorregulador do imaginário cultural” (Contrera 1995: 28). Na prática, essa autorregulação manifesta-se na capacidade do texto de (i) mediar informação e contexto; (ii) equilibrar estabilidade e mudança; e (iii) articular passado, presente e futuro na construção de significados.

Considerando o atual horizonte de época, os elementos constitutivos do texto da cultura — expressabilidade, delimitabilidade, estruturabilidade e temporalidade — adquirem configurações singulares. A mediação tecnológica redefine continuamente os parâmetros da interação simbólica e merece reflexão cuidadosa.

3 O PROCESSO ARTICULATÓRIO DA CIVILIZAÇÃO ATUAL

Sobre o processo articulatório da civilização atual, Trivinho (2022) define a visibilidade mediática como vetor responsável pelo *modus operandi* pelo qual esta civilização, de base capitalista, se reproduz no campo histórico. Nesse contexto, o imperativo da visibilidade leva o sujeito à busca permanente do olhar do outro para si por meio da exposição pessoal.

Desde o advento da cultura de massas, convive-se com um paradoxo: a sociedade sofre simultaneamente de subinformação e superinformação, de escassez e excesso (Morin 1986: 31). Esse fenômeno manifesta-se na simultaneidade de um fluxo informacional quantitativamente avassalador (a superinformação) com uma alarmante carência qualitativa (a subinformação). Os meios de comunicação, ao priorizarem a velocidade e o volume em detrimento da profundidade e contextualização, geram aquilo que Morin denomina como “informação-mercadoria”, que segue a mesma lógica do espetáculo mediático (Debor 1997): uma temporalidade acelerada e ritmada que privilegia o impacto imediato sobre a reflexão crítica.

Um dos problemas centrais dessa dinâmica é destacado por Jung (1990: 72) ao argumentar que a faculdade humana de auto-organização e desenvolvimento da memória proporciona ao homem mapeamento e combinação dos acontecimentos separados pela distância temporal entre um evento e outro. A condição de contextualizar relaciona-se a capacidade de conexão entre a informação nova e o conteúdo de memória psíquica já registrado. No caso do ciclo de vida da informação-mercadoria, a lógica operacional é a da aceleração contínua. Com o aceleramento da produção da comunicação, não há mais tempo para reflexão. Assim, o sentido também é esvaziado. Consequentemente, a informação saturada falha em orientar o indivíduo, reduzindo sua competência conectiva com a sociedade.

Como demonstra Baitello Jr. (1997), a temporalidade configura-se como elemento fundamental das interações humanas e dos processos de significação. Entretanto, quando cooptada pela lógica da aceleração dos fluxos informacionais contemporâneos (Trivinho 2022) — característica marcante da modernidade líquida (Bauman

2003) — promove uma cisão radical entre informação e contexto, comprometendo o processo necessário à metabolização cognitiva dos conteúdos. Essa ruptura entre informação e contexto impede o metabolismo cognitivo adequado dos conteúdos, gerando não apenas confusão semântica, mas uma verdadeira crise de sentido na esfera pública. O resultado é uma sociedade saturada de dados, mas anêmica de conhecimento.

No limiar do século XXI, as tecnologias digitais radicalizam essa dinâmica, consolidando o que Paul Virilio (1996) conceituou como “ditadura da velocidade” e Eugênio Trivinho (2007) aprofundou como “dromocracia cibercultural”. A sociedade contemporânea, imersa na lógica do capitalismo de vigilância (Zuboff 2021), vê-se subjugada por uma aceleração contínua que confunde aparecer (na rede) com efetivamente “existir” a partir de métricas de engajamento algorítmico. Nesse contexto, a explosão de conteúdos descontextualizados — oriundos das mais diversas esferas órbitas — cria o terreno fértil para a proliferação das chamadas *fake news* (Allcott & Gentzkow 2017), isto é, notícias intencionalmente falsas e verificavelmente enganosas, criadas para gerar engajamento e lucro.

Para compreender como se processam as profundas mudanças experimentadas em todos os aspectos da vida social decorrentes das novas tecnologias da informação, é indispensável entender como ocorrem não apenas as conexões entre os atores na rede, mas apreender o conteúdo dessas conexões no ciberespaço.

4 A DINÂMICA DAS REDES SOCIAIS

Os códigos da linguagem, partilhados para o estabelecimento dos vínculos sociais, apontam para a intrínseca relação entre os meios de comunicação e seus processos de agregação simbólica. Na contemporaneidade, o ciberespaço representa o locus para expressão das ações que vinculam o indivíduo ao grupo social, bem como o meio pelo qual as noções de cultura, legitimidade, encontro e encanto afloram. Nesse contexto, as redes sociais emergem como agrupamentos complexos, formados por interações sociais, apoiadas em tecnologias digitais, que desenvolvem padrões para as trocas de informação na rede. Em síntese e por definição, os sites de redes sociais são compreendidos como engrenagens sistêmicas que permitem (Recuero 2008: 77): a construção de uma persona, materializada em perfis ou páginas pessoais; (ii) a interação de um usuário com outro mediada por comentários, comunidades e demais recursos; e (iii) a exposição pública da imagem de cada ator na rede.

A singularidade desses sites em relação a outras formas de comunicação mediada por computador reside em sua capacidade de conferir visibilidade e articular laços sociais que transcendem o ambiente virtual (Recuero 2008: 105). Dessa forma, as redes sociais surgem no ciberespaço em virtude de seu caráter expressivo — ou seja, de autorrepresentação —, por meio do qual os atores negociam informações entre si. Assim, instaura-se um processo contínuo de construção e validação identitária, já que, na ausência de comunicação face a face, os indivíduos são reconhecidos por

suas publicações, as quais, por sua vez, legitimam o conteúdo no grupo e estabelecem interações sociais (Recuero 2008: 34-36). Como ressalta a autora, “laços são formas mais institucionalizadas de conexão entre atores, constituídos no tempo e através da interação social” (Recuero 2008: 38). Contudo, Bauman destaca a fragilidade dos vínculos estabelecidos nas redes interativas:

Diferentemente de “relações”, “parentescos”, “parcerias” e noções similares – que ressaltam o engajamento mútuo ao mesmo tempo em que silenciosamente excluem ou omitem o seu oposto, a falta de compromisso –, uma “rede” serve de matriz tanto para conectar quanto para desconectar; não é possível imaginá-la sem as duas possibilidades. Na rede, elas são escolhas igualmente legítimas, gozam do mesmo status e têm importância idêntica. Não faz sentido perguntar qual dessas atividades complementares constitui “sua essência”! A palavra “rede” sugere momentos nos quais “se está em contato” intercalados por períodos de movimentação a esmo. Nela as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha. A hipótese de um relacionamento “indesejável, mas impossível de romper” é o que torna “relacionar-se” a coisa mais traiçoeira que se possa imaginar. Mas uma “conexão indesejável” é um paradoxo. As conexões podem ser rompidas, e o são, muito antes que se comece a detestá-las. (2003: 12)

Assim, as redes sociais no ciberespaço caracterizam-se por relações esparsas, cujas conexões podem ser facilmente rompidas. Nessa perspectiva, cabe refletir sobre o papel dos algoritmos, visto que as conexões e desconexões nem sempre decorrem da intenção do usuário, mas sim de sua invisibilidade aos sistemas de recomendação. Em outras palavras, aqueles que se segue podem ser negligenciados não por escolha, mas porque o algoritmo cessou de exibir seu conteúdo, assim como novas conexões são sugeridas artificialmente (Silveira 2019).

No que tange aos elementos de constituição das redes sociais, para além dos atores e dos vínculos ou laços, está o capital social. Com pano de fundo marxista, o conceito de capital social desenvolvido por Bourdieu refere-se a um valor constituído a partir das interações entre os atores sociais: “O capital social é o agregado dos recursos atuais e potenciais, os quais estão conectados com a posse de uma rede durável, de relações de conhecimento e reconhecimento mais ou menos institucionalizadas, ou em outras palavras, à associação a um grupo – o qual prove cada um dos membros com o suporte do capital coletivo” (1983: 248-249).

Dando continuidade ao pensamento do autor, Bourdieu explica que há três grandes tipos de capital que permeiam os campos sociais: (i) o capital econômico; (ii) o capital cultural; e (iii) o capital social, e, em meio aos três há o capital simbólico, capaz de legitimar a posse de cada um dos demais como recurso. O conceito de capital social teria, portanto, dois componentes: um recurso (determinado pelas relações de pertencimento do sujeito a determinado grupo social) e o conhecimento/reconhecimento mútuo dos participantes deste grupo. Assim, o conhecimento/reconhecimento mútuo

seria o fator responsável pela transformação do capital social em simbólico (Bourdieu 1983: 10-12).

Além disso, vale ressaltar que o conceito de capital social para Bourdieu não está nos indivíduos *per se*, mas nas relações sociais estabelecidas entre eles. No entanto, assim como as outras formas de capital, o capital social é tratado como recurso individual, passível de ser utilizado e instrumentalizado por aquele que o detém. Ou seja, embora se origine a partir de uma rede relacionamentos, é um atributo individual que permite o acesso a recursos diferenciados não apenas de natureza econômica, mas também aqueles referentes a status social (capital simbólico) e bens culturais (capital cultural). Portanto, o capital social pode ser percebido pelos indivíduos a partir da interação social e, igualmente, através da sua integração às estruturas sociais. Trata-se de um recurso essencial para a conquista de interesses individuais.

De acordo com Recuero (2008), um dos elementos mais relevantes para o estudo da apropriação dos sites de redes sociais é a percepção dos valores construídos nesses ambientes a partir da percepção do capital social e da sua influência na construção e na estrutura das redes sociais. O estudo de Recuero (2008: 108-115) aponta quatro valores mais comumente associados aos sites de redes sociais:

a. Visibilidade: trata-se de um valor por si só, decorrente da própria presença do usuário no site. Entretanto, a visibilidade também é matéria-prima para todos os demais valores que seguem logo abaixo na hierarquia das redes sociais;

b. Reputação: trata-se da percepção construída de determinado usuário pelos demais atores e, portanto, envolve três elementos: o “eu”, o “outro” e a relação entre ambos. Relaciona-se, portanto, a uma percepção qualitativa, que está relacionada a outros valores, que são (i) capital social, (ii) capital relacional (pois é uma consequência das conexões estabelecidas entre os atores) e (iii) capital cognitivo (porque está relacionada ao tipo de informação publicada). Em síntese:

O conceito de reputação implica diretamente no fato de que há informações sobre quem somos e o que pensamos, que auxiliam outros a construir, por sua vez, suas impressões sobre nós. Um dos pontos-chaves da construção de redes sociais na Internet é, justamente, o fato de que os sistemas que as suportam permitem um maior controle das impressões que são emitidas e dadas, auxiliando na construção da reputação. Assim, uma das grandes mudanças causadas pela Internet está no fato de que a reputação é mais facilmente construída através de um maior controle sobre as impressões deixadas pelos atores. Ou seja, as redes sociais na Internet são extremamente efetivas para a construção de reputação. (Recuero 2008: 109)

c. Popularidade: trata-se de um valor diretamente ligado à audiência, relativo à posição de um ator dentro de sua rede social. Para a autora (Recuero 2008:

112), este também é valor muito mais relacionado aos laços fracos do que aos fortes, uma vez que a popularidade está associada à quantidade de conexões e não a sua qualidade.

d. Autoridade: trata-se do poder de influência de um sujeito na rede social. Apesar de estar relacionada à reputação, a autoridade é um valor *per se*, decorrente tanto do capital social relacional (isto é, da conectividade do indivíduo na rede) quanto do capital social cognitivo (isto é, da credibilidade das informações publicadas).

Posta esta reflexão, é importante ressaltar que redes sociais são sistemas complexos e, como tais, estão sujeitos a processos de caos e ordem, cooperação e competição, ruptura e agregação, adaptação e auto-organização. A estética do espetáculo (Debord, 1997) prevalece, reforçando hierarquias baseadas em visibilidade e engajamento, enquanto algoritmos reconfiguram incessantemente nossas interações.

5 AS REDES SOCIAIS COMO TEXTO DA CULTURA: GRAMÁTICA TEMPORAL

Conforme postula Jean Baudrillard (1991), vive-se em uma era dominada por simulacros e simulações, onde a realidade dissolve-se em representações que esvaziam significados e obliteram as fronteiras entre o real e o irreal — especialmente em tempos de Inteligência Artificial (IA) generativa. A gramática temporal das redes sociais, enquanto textos da cultura no atual contexto de época, apresentam características distintas na tessitura simbólica da sociedade digital:

1. orkut (2004-2014): O espetáculo da Incomunicação (Magossi 2006)

No início dos anos 2000, o orkut introduziu a noção de comunidades virtuais, onde a identidade construía-se através de listas de amigos, depoimentos e fóruns temáticos — uma materialização rudimentar dos códigos de expressabilidade e delimitabilidade (Lotman 1979). Sua estrutura ainda refletia uma lógica de grupos estáveis, com interações baseadas em textos longos e laços mais duradouros. No entanto, já anuncjava o espetáculo da incomunicação (Baitello 1997), isto é, a ausência do corpo aliada a esta perspectiva lúdica de sociabilidade e conectividade, visto que os perfis eram espaços de autoexposição embrionária que refletiam o questionamento “com qual máscara quero que o mundo me veja?” (Magossi 2006)

2. Facebook (2004-presente): Ritualidades da Vida Cotidiana (Magossi 2020)

Com o Facebook, consolidou-se a cultura da visibilidade mediática (Trivinho 2022). Os perfis transformaram-se em narrativas curadoriais, onde a vida é

editada e organizada para consumo público. Aqui, a temporalidade acelerada (Baitello Jr. 1997; Trivinho 2007; 2022) torna-se um elemento central, com o *feed* de notícias priorizando conteúdos efêmeros e algorítmicamente hierarquizados. A plataforma também intensificou a monetização do capital social (Bourdieu 1983), ao transformar relações em métricas de engajamento (*likes*, compartilhamentos).

3. Twitter/X (2006-presente): Fragmentação, conflito e polarização

O Twitter/X redefiniu a estruturabilidade textual (Lotman 1979), reduzindo a comunicação a micromensagens (*tweets*) de 280 caracteres, organizadas por algoritmos que privilegiam o conflito e a polarização. Sua lógica é a da temporalidade líquida (Bauman 2003), onde temas ganham e perdem relevância em questão de horas. A autoridade (Recuero 2008) nesse espaço mede-se pela capacidade de viralização, não pela profundidade do discurso.

4. Instagram (2010-presente): A Espetacularização máxima da Experiência

O Instagram elevou o espetáculo (Debord 1997) da experiência à máxima potência, substituindo a palavra pela iconofagia da imagem (Baitello Jr. 1997). Seu algoritmo prioriza conteúdos visualmente impactantes, criando uma economia da atenção baseada em *scroll* infinito e estímulos sensoriais imediatos. Aqui, a reputação (Recuero 2008) associa-se a uma estética de perfeição inalcançável, alimentando o imaginário do consumo (Bourdieu 1983).

5. TikTok (2016-presente): Performatividade espectral (Magossi 2025)

O TikTok sintetiza todas as dimensões anteriores em uma lógica de “performatividade espectral” (Magossi 2025). Seus textos ultra-efêmeros (vídeos de 15 segundos) operam como simulacros (Baudrillard 1991), onde a autoridade (Recuero 2008) depende da capacidade de viralizar gestos performativos. A plataforma aperfeiçoa a temporalidade acelerada (Baitello Jr. 1997), com algoritmos que recompensam a novidade constante, mas esvaziam o sentido das interações (Bauman 2003). O empobrecimento comunicacional é maquiado de empreendedorismo em uma inversão traiçoeira que transforma indivíduos em “operadores de performances” (Harvey 2008), onde o excesso de estímulos anula a reflexão.

O breve percurso sobre a gramática temporal das redes sociais e suas principais características aponta para a adaptação do “texto da cultura” (Lotman 1979; Baitello Jr. 1997) no século XXI — um tecido semiótico que mescla oralidade, escrita e imagem, mas que, sob a lógica do capitalismo de vigilância (Zuboff 2021), esvazia-se de sentido, reproduzindo infinitamente o mesmo simulacro (Baudrillard 1991).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A argumentação resgata a comunicação como condição ontológica da existência humana (Todorov 1996), configurada como ato intencional, profundamente interligada às dinâmicas de produção e reprodução social. Nesse cenário, a linguagem e a cultura emergem como suportes de codificação simbólica (Baitello Jr. 1997), e o texto da cultura consolida-se como matriz semiótica que estrutura a experiência coletiva por meio de quatro eixos constitutivos: expressabilidade, delimitabilidade, estruturabilidade e temporalidade (Lotman 1979; Baitello Jr. 1997). Esses elementos, ao organizarem a tessitura das interações simbólicas, funcionam como mecanismos autorreguladores do imaginário (Contrera 1995), mediando a relação entre indivíduo e coletividade.

A primazia das redes sociais redefine os modos de produção e circulação da informação, bem como impõe uma reconfiguração das relações interpessoais e da construção de significados coletivos (Recuero 2008). As relações são estabelecidas entre autor e seguidor a partir de uma delimitação espaço-temporal específica da época em curso: o presente interminável. O texto evoca a expressão proporcionada pela identidade (fama difusa) e estruturação (simplificada), que comporta os valores hierárquicos do período em curso (do mais influente ao mais secundário).

A breve análise das redes sociais digitais — do orkut ao TikTok — demonstra como essa arquitetura textual adapta-se aos novos regimes comunicacionais. Cada plataforma apresenta uma dinâmica própria: o orkut materializou comunidades virtuais através de listas estáticas (expressabilidade rudimentar e delimitabilidade incipiente, conforme Lotman 1979). O Facebook institucionalizou a visibilidade mediática (Trivinho 2022) como norma. O Twitter/X, por sua vez, fragmentou o discurso em micromensagens polarizadas (estruturabilidade acelerada, nos termos de Baitello Jr. (1997) e Trivinho (2007; 2022), enquanto o Instagram elevou a iconização da experiência à condição de espetáculo (Baudrillard 1991). O TikTok, síntese contemporânea desse processo, opera sob uma “performatividade espectral” (Magossi 2025), onde textos efêmeros e gestos performáticos viralizam como expressão máxima da liquidez relacional (Bauman 2003).

A aceleração tecnológica e a ascensão da IA generativa apontam para cenários onde a autoria humana está sendo progressivamente suplantada por sistemas algorítmicos, aprofundando a crise de autenticidade simbólica, o que traz consequências diretas para diferentes áreas. Na educação, há necessidade de reformulação de paradigmas pedagógicos para desenvolver competências críticas contra a desinformação. Na política, a manipulação da informação ameaça os fundamentos do Estado Democrático de Direito. Já na saúde mental, a exposição contínua a fluxos acelerados e descontextualizados de informação correlaciona-se aos quadros clínicos de aumento de ansiedade e esgotamento psíquico. O fenômeno em questão nos alerta para a necessidade de um olhar mais atento e crítico sobre os processos comunicativos da contemporaneidade, fundamentalmente caracterizados pela incessante produção

de conteúdos vazios, impulsionada pela lógica do consumo e da visibilidade mediática (Trivinho 2022).

A importância da apreensão das raízes arquetípicas para compreensão do fenômeno mediático, contemporâneo e algorítmico reside na possibilidade de situá-lo em seu contexto histórico, cultural e social, permitindo uma reflexão mais cuidadosa. Nesse sentido, a análise das raízes dos fenômenos culturais refina teoria que explicam como e por que determinados fenômenos ocorrem na contemporaneidade. Em suma, o arcaico não morre, apenas encontra-se soterrado, pulsando por debaixo da terra (Morin 1988).

OBRAS CITADAS

- ADORNO, Theodor Wiesengrund & Max Horkheimer. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ALLCOTT, Hunt & Matthew Gentzkow. Social media and fake news in the 2016 election. *Journal of Economic Perspectives*, Pittsburgh, v. 31, n. 2, p. 211-236, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1257/jep.31.2.211>.
- BAITELLO JR., Norval. *O Animal que Parou os Relógios – Ensaios sobre Comunicação, Cultura e Mídia*. São Paulo: Annablume, 1997.
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- BAUMAN, Zygmunt. *A comunidade – a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- BYSTRINA, Ivan. *Tópicos de Semiótica da Cultura*. São Paulo: CISC, 1995.
- CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o homem: uma introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- CONTRERA, Malena Segura. *Mídia e Pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia*. São Paulo: Annablume, 2002.
- CONTRERA, Malena Segura. *O mito na mídia*. São Paulo: Annablume, 1995.
- CYRULNIK, Boris. *Os alimentos do afeto*. São Paulo: Ática, 1995.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- JUNG, Carl Gustav. *Obras Completas*, Vol. X/2: *Aspectos do drama contemporâneo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.
- LOTMAN, Iuri. *A estrutura da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- MAGOSSI, Priscila Gonçalves. O espetáculo da incomunicação: o estudo dos efeitos da incomunicação sobre os vínculos sociais por intermédio da imagem no site do orkut. *Encontro Internacional de Comunicação, Cultura e Mídia*, III. São Paulo, 2006.

MAGOSSI, Priscila Gonçalves. *Ritualidades e vida cotidiana na cultura digital: uma investigação sobre as redes sociais Twitter e Facebook*. São Paulo: Novas Edições Acadêmicas, 2020.

MAGOSSI, Priscila Gonçalves. Performatividade espectral na cibercultura. *Portal Juristas*, 2025. Disponível em: <https://juristas.com.br/artigos/performatividade-espectral-na-cibercultura/>.

MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no Século XX: o espírito do tempo: necrose*. 2 v. São Paulo: Forense, 1986.

MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Portugal: Europa-América, 1988.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2008

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. A noção de modulação e os sistemas algorítmicos. PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM, São Paulo, v. 3, n. 6, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.31657/rcp.v3i6.111>.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do Espelho: Uma Teoria da Comunicação Linear e em Rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.

TODOROV, Tzvetan. *A vida em comum*. Campinas: Papirus, 1996.

TRIVINHO, Eugênio. *A dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática avançada*. São Paulo: Paulus, 2007.

TRIVINHO, Eugênio Rondini. O que é Glocal? Sistematização conceitual e novas considerações teóricas sobre a mais importante invenção tecnocultural da civilização mediática. *MATRIZes*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 45-68, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v16i2p45-68>.

VIRILIO, Paul. *Velocidade e política*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.